

19 (Dezanne) Valdez

Rui Faria
1.5.2013

1. Aponte as principais aquisições e progressos que os bebés conseguiram atingir ao longo do período de desenvolvimento descrito no documentário A Ciência dos Bebés que acabou de observar.

R: O documentário «A Ciência dos Bebés apresenta várias aquisições e progressos dos bebés ao longo do seu período de gestação e durante o seu primeiro ano de vida após o nascimento. Destacamos aqui algumas dessas aquisições, sem ser necessário proceder ao seu elenco exaustivo: o aumento do tamanho do cérebro para o dobro (no primeiro ano de idade), o reconhecimento da voz da mãe no útero, o choro como único som para comunicar (mais tarde, o balbuciar), a existência de alguns reflexos inatos ou instintivos, como suspender a respiração debaixo de água, a sucção, a capacidade de apreensão, o facto da marcha bípede obedecer a uma pré-programação. Também se referiram investigações que apontavam a existência de certas capacidades mentais dos bebés, o cálculo mental, de adição e subtração. O desenvolvimento neuronal mostra que os neurónios competem entre si para ficar na posse das conexões. A necessidade de estimulação sensorial é fundamental para o desenvolvimento dos bebés, o que foi possível verificar no caso concreto do desenvolvimento das capacidades visuais. No documentário também se indicou a existência de uma capacidade de aprendizagem linguística universal nos bebés que é despertada pela socialização. Os bebés têm igualmente a capacidade de reconhecer rostos humanos e não humanos. O desenvolvimento motor é desigual e não obedece a uma sequência rígida de etapas, depende sobretudo da experiência individual de cada bebé e do seu modo de adaptação e aprendizagem motora.

2. Pode o conceito de «mãe» reduzir-se aos critérios definidos pela biologia?

R: Se bem que algumas competências exigidas a uma mãe para criar e educar uma criança se relacionam com a Biologia, a maior parte delas são desenvolvidas por aprendizagem no seio social. Por isso, tanto o pai como outras pessoas podem assumir o papel de «mãe», se fizerem as aprendizagens adequadas. O que é preciso é que se disponibilizem e amem a criança, disponham de tempo para a educar e lhe prestem os cuidados necessários.

3. Mostre que a prestação de cuidados maternos se expressa por condutas culturais.

R: O comportamento maternal, na espécie humana, não é fruto de uma determinação genética, nem é imposto de uma forma rígida para todas as sociedades e culturas humanas. Pelo contrário, cuidar de uma criança não é uma competência inata, mas é um conjunto de condutas aprendidas no meio sociocultural, pelo que há uma grande variedade de padrões de conduta, tal como existe diversidade de padrões de cultura. A aprendizagem de condutas maternas é diversificada no espaço e no tempo. Prestar cuidados maternos, entre nós, nada tem a ver com o que se passa nos Marquesanos, que mergulham os bebés num regato gelado e os alimentam a caldos sem a menor atenção. Segundo a antropóloga norte-americana, Margaret Mead, entre os Mundugumores, as crianças são rispidamente tratadas desde o nascimento, precisam de lutar para que as mães as deixem mamar ao peito e crescem sem afecto, entregues a si próprias. Nas ilhas Gilbert, é frequente a adopção de filhos. Os pais não se podem negar a ceder o seu filho a quem lho pedir, sob pena de serem socialmente reprovados por infringirem os costumes locais. Também nas ilhas Andaman, a adopção pratica-se culturalmente em larga escala. Quando um homem casado faz uma visita, manifesta a sua amizade pedindo aos seus hóspedes que lhe permitam a adopção de um dos seus filhos, cujo pedido é normalmente satisfeito. Nas ilhas Samoa, as crianças são tratadas sem afecto por parte das respectivas mães e podem ser criadas por outras mulheres. Desde que começam

a andar, têm de tomar conta das outras crianças. Não raro, as crianças que se sentem "cansadas" de estar com a sua própria família vão viver com outra da sua eleição. Otto Klineberg exemplificou numa das suas obras as enormes discrepâncias que a conduta maternal pode assumir entre os seres humanos, tal como acontece com os índios Omaha. A captura de crianças que eram membros de outras tribos podia levar à adopção por quem tivesse perdido um filho, ou que não pudesse ter filhos. Um caso extremo de uma mãe índia que se propôs adoptar um jovem que tinha assassinado o seu próprio filho revela até que ponto a força do costume se sobrepõe a outros sentimentos. Se pensarmos no que sentiria uma mãe (na nossa cultura e de acordo com os nossos padrões de justiça), perante a ideia de acolher na sua própria casa o homem que lhe tivesse morto o filho, poderemos perceber até que ponto as manifestações de «amor maternal» podem variar de comunidade para outra.

4. O que se entende por «mãe»?

R: Em termos psicoafectivos, mãe é um adulto significativo que dispõe de tempo para dedicar à criança, mostrando-se capaz de lhe proporcionar experiências positivas e estimuladas e de lhe dispensar a atenção e o afecto de que necessita.

5. Caracterize a primeira relação que a criança estabelece com um adulto.

R: A primeira relação que a criança estabelece com um adulto é o que se designa por vinculação precoce, relação que se caracteriza pelo desenvolvimento de uma forte ligação afectiva da criança em relação à sua «figura parental» ou «mãe». Nesta ligação gera-se um forte clima de emotividade em que o sentimento de dependência da criança é compensado pelo facto desta se sentir querida e amada. Esta relação é o ponto de partida básico da estruturação das relações sociais que futuramente a criança estabelecerá, cujo êxito ou fracasso dependem, em última análise, do carácter gratificante, ou frustrante, vivido nesta primeira vinculação.

6) Tradicionalmente associava-se o conceito de imaturidade infantil às ideias de passividade e de incompetência, vendo-se a criança como um ser desprovido de capacidades indiferente ao mundo que o rodeava. Disponha de necessidades fisiológicas cuja satisfação a faria crescer e amadurecer para ser treinada, mais tarde, em termos sociais e educacionais.

Atualmente, vê-se a criança como um ser ativo, dispondo de necessidades que ultrapassam em muito as fisiológicas. Trata-se de um ser portador de competências próprias da sua idade, as quais têm que ser estimuladas e desenvolvidas. A imaturidade da criança concebe-se como dependência em relação ao adulto, mas este tem que lhe prestar cuidados que vão de encontro à satisfação das suas necessidades, não apenas orgânicas, mas também afetivas, psicológicas e sociais.

7) Desde o nascimento que a criança é um ser ativo e desperto para mundo. É portadora de necessidades específicas que têm que ser desenvolvidas. Possui sentidos que a abrem ao mundo e reflexos para lhe reagir. Começa a relacionar-se com os outros, dispondo de formas de interação, das quais se destaca o choro, o sorriso, os gestos que são uma espécie de linguagem para se expressar.

8) Ao acentuar o caráter ativo da criança e a necessidade que ela tem de desenvolver capacidades específicas, a psicologia do desenvolvimento contribuiu para um novo conceito de infância. Assim, Jean Piaget acentua a necessidade da criança desenvolver os esquemas de ação e cuja maturação permitirá a instalação de esquemas de pensamento. Sigmund Freud insiste na necessidade das primeiras vivências serem proporcionadoras de prazer, a fim de o desenvolvimento emocional futuro não fique comprometido. Eric Erikson chama a atenção para a necessidade da criança ultrapassar com sucesso o seu primeiro conflito existencial, para se desenvolver a esperança de, em fases posteriores, conseguir um relacionamento social gratificante. No seu conjunto, estes psicólogos evidenciam caracteres que distanciam a criança do velho conceito que fazia dela um tubo digestivo com necessidades essencialmente reduzidas à esfera orgânica.

9) Há competências maternas que são naturais e inatas, relacionadas com a biologia. Manifestando-se com a gravidez, prolongam a sua ação ao longo da amamentação do bebé. Fundamentalmente, trata-se do desenvolvimento das glândulas mamárias, cujo papel principal consiste na produção de leite para o alimentar. O seu desenvolvimento é estimulado pela progesterona, segregada pelos ovários, e pela prolactina, segregada pela hipófise.

10) Para além dos mecanismos associados à produção de leite, as competências maternas são adquiridas por aprendizagem social. Isto significa que se uma mulher não se informar junto das mães do seu grupo, não ler artigos em livros e revistas sobre temas materno-infantis ou não frequentar cursos específicos de puericultura, não saberá o que fazer para cuidar adequadamente de uma criança.

11- Descreva a experiência realizada por Harry Harlow com macacos bebés criados por mães artificiais. Quais foram as conclusões extraídas por Harlow dessa experiência?

R: Harry Harlow fez uma experiência com macacos que foram criados por duas mães artificiais: uma, feita de arame, com uma espécie de biberão onde os bebés se alimentavam; outra, revestida de material felpudo, que proporcionava contacto macio e agradável aos macaquinhos. Harlow verificou que os jovens animais estabeleciam facilmente um vínculo com a mãe de material felpudo, permanecendo a maior parte do tempo abraçados a ela e procurando o conforto que a mãe de arame não lhes podia dar. Mesmo quando sentiam fome ou queriam explorar objectos das imediações, tentavam uma posição que lhes permitisse não perder o contacto com a mãe mais confortável.

Quando se apercebiam da presença de objectos estranhos, corriam para ela, agarrando-se-lhe fortemente. Acalmavam-se no seu colo e, pouco depois, é que iam observar objectos. Parecia viverem um conflito entre o medo que o "estranho" lhes provocava e a curiosidade que sentiam pela "novidade".

Progressivamente, iam explorando os objectos, usando a mãe como base de apoio: corriam a tocar num objecto e regressavam rapidamente; voltavam mais calmamente aos objectos e, alguns, transportavam-nos para junto dela.

Harlow concluiu que, após estabelecido o vínculo com a mãe, esta funcionava como símbolo de protecção, capaz de evitar o sentimento de medo face a situações estranhas. A mãe de material felpudo era proporcionadora de sentimentos de segurança, um valioso contributo para a conquista de autonomia e para a perda de receio em relação a aventuras exploratórias. É permitido concluir que, tal como os macacos, os bebés humanos necessitam de criar laços

afectivos com alguém, de viver num meio social estimulante onde possam interagir com os outros e aprender a viver em grupos sociais.

12- Relacione os conceitos de «autonomia» e «vinculação». E que relação existe entre «vinculação» e «desenvolvimento social e emocional»?

R: A vinculação define-se como

Doc 9/ 7? MF/0/

13- Qual foi o contributo das observações de Anna Freud para o reconhecimento da necessidade de vinculação?

R: Anna Freud fez estudos em infantários fundados em tempo de guerra para acolher os filhos cujas mães eram trabalhadoras e os pais estavam em combate. A psicóloga pôde observar que, apesar de bem cuidadas em termos de alimentação e higiene, quase todas as crianças apresentavam perturbação emocionais e atraso no desenvolvimento, cujas causas foram atribuídas à ausência de afeto materno. Daí pôde concluir que é de extrema necessidade o vínculo que se estabelece entre mãe e filho nos primeiros meses de vida e que, caso isto não aconteça, vai contribuir negativamente para o desenvolvimento do filho.

14- Qual foi o contributo das observações de Spitz para o reconhecimento da importância da vinculação?

R: Muitos psicólogos têm-se dedicado ao estudo de distúrbios no comportamento social e emocional das crianças, partindo da observação dos efeitos da privação de afeto materno em recém-nascidos.

O psicanalista americano Spitz, observar crianças abandonadas a viver, desde os primeiros meses de vida, em orfanatos e outras instituições similares. Tais crianças mostravam indiferença e insensibilidade em relação às pessoas ou então, tendência para granjear a todo o custo afeto e atenção. As perturbações manifestadas pelas crianças nestas condições ficaram conhecidas pela síndrome do hospitalismo. É uma síndrome ocorrida em crianças que sofrem da ausência da mãe ou de quem a substitua. O hospitalismo acarreta as seguintes consequências: morte precoce, maior número de doenças em relação ao habitual atraso no crescimento físico, atraso no desenvolvimento intelectual, dificuldades no relacionamento interpessoal.

Spitz atribui o hospitalismo à privação do aconchego materno, denunciando as situações em que é vulgar haver pessoas a confundir vitaminas e higiene com afeto, rareando as que são capazes de dar amor e carinho.

Estes estudos vêm salientar que o vínculo afectivo estabelecido na infância não é uma resposta natural do filho à mãe enquanto elemento que lhe satisfaz as necessidades elementares. A vinculação é uma necessidade de cariz emocional cuja satisfação implica experiências gratificantes como estar ao colo, ser embalado, ser abraçado e beijado ou receber festas e carícias, sensações e emoções que a tetina do biberão é incapaz de desencadear.

15- Qual era a opinião de Bowlby acerca das consequências negativas da privação prolongada do convívio social em crianças?

R: Muitos psicólogos têm-se dedicado ao estudo dos distúrbios no comportamento social e emocional das crianças, partindo da observação dos efeitos da privação de afeto materno em recém-nascidos. As observações em crianças de tenra idade levaram John Bowlby a concluir que, as crianças quando afastadas da família por períodos de tempo superiores a três meses,

vêm a sofrer de perturbações que se desenvolvem em três fases: inicialmente, mostram desespero; secundamente, apresentam irritação e cólera, manifestam-se mesmo em relação à família; e, por fim, caem num estado de indiferença e apatia.

16. O que se entende por «vinculação»?

R: A vinculação, em psicologia, refere-se às procuras dirigidas a figuras específicas, ou seja, a relações afetivas específicas. Assim, a vinculação é a tendência manifestada pelos seres vivos de várias espécies nos primeiros tempos das suas vidas para se ligarem afetivamente à sua mãe, permanecendo junto dela, ou de outro adulto de que eventualmente dependam. Este termo foi introduzido em psicologia por John Bowlby.

17. Como é que a experiência de Harlow desmente a interpretação freudiana do apego da criança à mãe?

R: Freud dizia-nos que o vínculo afetivo que se estabelece entre o filho e a mãe não era uma resposta natural, que poderia estar relacionada com a satisfação das necessidades fisiológicas. Mas as experiências de Harlow provaram a incorreção desta interpretação, pois, se ela fosse verdadeira, os macaquinhos bebés estabeleciam vínculo afetivos com as suas mães de arame, as proporcionadoras do seu alimento. Assim, ficou provado que o vínculo se estabelecia em relação às mães felpudas, que não lhes proporcionavam comida, mas sim conforto.

18. Que consequências observou Harlow nos macacos que privou do convívio social quando recém-nascidos?

R: Harlow manteve macaquinhos bebés numa jaula vazia, completamente isolados de tudo o resto. Quando estavam isolados a mais de um ano, os animais tornavam-se inadaptados, manifestando problemas sociais e emocionais. Procuravam afastar-se dos outros, abraçavam-se ou mordiam-se, reprimindo-se a si próprios, e efetuavam movimentos oscilantes como se estivessem num baloiço. Colocados em contacto com outros macacos criados normalmente, não brincavam, não os perseguiram, nem respondiam aos seus ataques agressivos. Esta inadaptação persistiu em idades futuras, mostrando-se impotentes em questões sexuais e inaptos nas relações parentais. Alguns machos tornaram-se sexualmente indiferentes e os que tentavam acasalar, agarravam-se a qualquer macaco indiferentemente do seu sexo, não conseguindo qualquer tipo de relacionamento. As fêmeas resistiam às solicitações dos machos normais e, fecundadas artificialmente, não mostravam amor pelos filhos, muito pelo contrário maltratavam-os.

19. Que sintomas negativos se podem manifestar se as crianças forem privadas do convívio social e humano?

R: Se as crianças forem privadas de estímulos humanos, isto irá provocar consequências bastante negativas, muito semelhantes às verificadas nos macacos: anomalias no desenvolvimento social e emocional, que podem ir a procura obsessiva e doentia de afeto à indiferença em relação ao adulto. A indiferença é a conduta mais generalizada, sendo muitos os casos de afastamento de pessoas, de isolamento e apatia, permanecendo as crianças agarradas à barra da cama, ou baloiçando-se, em movimentos repetidos e sem sentido, assumindo um rosto inexpressivo. Algumas observações futuras revelaram casos de défice

intelectual, relacionados à linguagem, ao raciocínio abstrato, e a perturbações sociais e emocionais. Tornando as crianças em seres agressivos e de delinquente.

20. Qual a importância das primeiras experiências da criança em termos de socialização?

R: As primeiras experiências da criança são bastante importantes para a sua socialização, a relação que esta estabelece com a sua mãe que inicia-se na interiorização de regras e padrões, úteis para o seu futuro, aprendendo comportamentos ajustados ao grupo em que esta inserido. As emoções das primeiras vivências dependem do maior ou do menor equilíbrio psicológico da criança no que diz respeito ao relacionamento social. Se as experiências vividas na vinculação inicial são agradáveis, a criança ganhará confiança para conseguir estabelecer relações com outras pessoas. Se as experiências forem desagradáveis, a criança poderá começar a desconfiar, hesitando relativamente a novos contactos sociais. Assim, a sua personalidade futura poderá ser afetada pelas situações dos estímulos agradáveis ou desagradáveis: há pessoas cuja atitude perante os outros é de expansão, de procura de relacionamentos e de abertura para com os outros, assumindo uma forte motivação e auto estima pessoal, mas outras pessoas tendem para o isolamento social, para uma distância social e emocional perante os outros, mostrando pouca motivação para viver a vida e uma grande baixa auto estima.

Trabalho elaborado por:

Ângela Teixeira;

Jenny Henriques;

Liliana Parreira;

Regina Silvestre.